

## APRESENTAÇÃO

Gostaríamos, primeiramente, de fazer uma homenagem muito especial a Aldo de Albuquerque Barreto, co-líder do grupo de pesquisa do IBICT Filosofia e Política de Informação, grupo que edita a LOGEION, que faleceu em fevereiro deste ano. A ele toda nossa gratidão enquanto professor e fonte de inspiração.

A transversalidade das questões informacionais hoje abre possibilidades para contribuições de diversas áreas. Neste número a revista LOGEION traz artigos com abordagens da Filosofia da Informação na América Latina.

A primeira questão que nos dá a pensar sobre a Filosofia da Informação na América Latina é sobre o que estamos falando: terra ou sangue, região ou origens culturais linguísticas. Uma Filosofia Latinoamericana diz respeito ao que seus pesquisadores e instituições produzem? Ou estamos falando de um tipo de pensamento marcado por determinados atributos? Qual é a pretensão de validade de uma Filosofia da Informação na América Latina? Ela quer ser reconhecida no universal? Pretende ser um esforço intelectual de resistência numa sociedade da Informação globalizada? Quer ser um pensar a partir de demandas e mesmo de urgências latinoamericanas no âmbito informacional? Quer aderir, mudar ou fazer parte do pensamento filosófico da informação?

Estas questões são particularmente relevantes neste tempo em que as iniciativas políticas emancipatórias na América Latina enfrentam uma crítica profunda. As experiências radicais do castrismo e do bolivarianismo sofrem revisões. Novidades políticas como o multinacionalismo indígena de Evo Morales ainda estão em curso. Governos progressistas no Uruguai e no Chile mostram outras possibilidades regionais. O Brasil, maior país da região, após cinco mandatos presidenciais com níveis de promoção do bem estar e redução da pobreza, enfrenta o retrocesso produzido por um governo civil golpista. Não é uma questão abstrata. Os caminhos políticos da América Latina não se dissociam das possibilidades e do papel de um pensamento filosófico latinoamericano da informação.

Uma segunda questão diz respeito ao que estamos falando quando falamos de Filosofia da Informação. Uma resposta estreita e equivocada limita a Filosofia da Informação à Epistemologia da Ciência da Informação. Não se deve esquecer a relevante discussão da filosofia prática: a Ética e a Política. Do mesmo modo, são relevantes a Lógica, a Ontologia e a Estética da informação. O grau de desenvolvimento das diferentes áreas de estudo e investigação da Filosofia da Informação



é desigual. Isto é especialmente grave na América Latina, onde as humanidades carecem de força institucional e de investimento. Esperamos que a LOGEION seja um espaço para a discussão do informacional no escopo amplo da Filosofia da Informação, trazendo novos interesses ao exame filosófico do informacional.

Uma terceira questão diz respeito aos objetivos e ao modo de construir o pensar latinoamericano da informação. Nosso desafio coletivo é a construção de um pensamento que vá além da correção metódica e da aplicação instrumental, certamente indispensáveis. Devemos trabalhar na construção de um pensamento que tenha fundamento na dignidade humana e isso tem enormes implicações teóricas e práticas. Recuperando as considerações de Helga Nowotny, González de Gómez (2003) aponta, ao abordar o papel da sociedade civil nas relações com a pesquisa e o Estado, que o conhecimento deve ir além da correção científica (confiável), devendo ser socialmente robusto em suas ancoragens socioculturais, parcerias, problematizações e prestação de contas.

Os artigos deste número não estão apresentados como uma pretensão de parâmetro do que se faz em nosso continente. Quer apenas contribuir com mais um passo na já iniciada reflexão latinoamericana sobre a informação. As contribuições partilham reflexões sobre os processos de dominação, explícitos e implícitos, que conformaram a América Latina e que passam pelo informacional. Também têm em comum o alerta pela valorização dos alicerces filosóficos, dos meios teóricos e práticos do informacional “para” América Latina e “da” América Latina, certamente numa interlocução internacional, mas onde a América Latina “é”.

Em “*Esferas del reconocimiento intersubjetivo: el pensar latinoamericano desde un sistema-mundo abierto a la interculturalidad*”, **Jovino Pizzi** propõe uma pedagogia triangular à racionalidade contemporânea, constatando que a geografia do Ocidente colocou a centralidade circulatória do Atlântico nas relações entre as Américas, a África e a Europa: um sistema-mundo. Esta geografia, historicamente desenhada com dominação e escravidão, impôs tanto uma monocultura como um menosprezo, invalidando o valor do diferente. Num contexto pós-ditaduras, mantidas sua memória e debates, “o hoje” latinoamericano merece atenção, quando se vê animado por esperanças e promessas, mas que se ainda se defronta com este sistema-mundo de dominação e configurações locais onde atores das ex-ditaduras ainda ocupam postos políticos e de decisão.

A partir da retomada crítica da teoria comunicativa de Habermas por Alex Honneth, quando coloca em questão a necessidade do reconhecimento, diante de modos de menosprezo que entravam estas ações, Pizzi avança sobre o pensamento filosófico latinoamericano, dividido entre a manutenção da tradição europeia e manifestações que, diferentes, merecem ser incluídas, mas para isso dependem que se considere um horizonte mais amplo aos pensares. Pizzi quer encontrar os pontos

de entrave ao reconhecimento - os menosprezos - a uma filosofia latinoamericana. O caminho a trilhar passa por uma gramática pluridimensional que abra a razão a diferentes razões filosóficas. Só com este reconhecimento plural pode-se acolher um “filosofar” latinoamericano e daí interconectar tradições ibero-afro-indígenas latinoamericanas. Retomando o termo “*recuperación anabásica*” de Quesada, Pizzi propõe um projeto com bases na ação comunicativa, mas que tenha em conta os entraves do menosprezo e a incontornável conflitividade existente na multiplicidade envolvida.

As propostas de Jovino Pizzi levam a pensar nas possibilidades de um pensar informacional latinoamericano. A afirmação e reconhecimento internacional de teorias e concepções latinoamericanas na Comunicação animam a tal possibilidade. Mas, seguindo a pista de Pizzi, é preciso localizar os possíveis menosprezos a estes pensares. Embora as áreas dedicadas ao estudo do informacional existam na interlocução com uma comunidade internacional, nossas especificidades, ligadas aos contextos históricos e culturais, podem trazer conceitos e perspectivas diferenciadas. Os pensares de nossos pesquisadores devem dialogar nos espaços internacionais sem depender de referências e citações estrangeiras que os autorize. Tal dependência não deixa de ser o indicativo de um tipo de menosprezo a ser superado, o automenosprezo.

É no sentido de identificar a existência de pensares informacionais iberoamericanos que **Carlos Alberto Ávila** indaga: “*Existe um pensamento informacional ibero-americano?*” A princípio pode ser desanimadora a ausência de trabalhos da região em mapeamentos internacionais do campo da Ciência da Informação. A quase invisibilidade internacional de sua significativa, e em muitos casos inovadora, produção, é em parte explicada pela hegemonia anglo-saxã e pela desigualdade, que vai da língua aos recursos. Mas sua clara existência e os esforços de interlocução da Ciência da Informação na região, com eventos sistemáticos desde os anos 1990, têm favorecido tanto as parcerias e a busca de pontos em comum quanto têm dado alguma visibilidade dos diferenciais de pensamento.

Ávila aponta destaques em estudos epistemológicos no México, Cuba, Espanha Colômbia, Portugal e Brasil e as pesquisas em Organização do Conhecimento que têm abrangido aspectos contemporâneos de gênero, análise de domínio e desclassificação. No âmbito da pesquisa voltada para ciência, há apreciável produção de estudos métricos, sobre acesso aberto e sobre as implicações das mudanças proporcionadas pelas tecnologias digitais. Em relação a estas tecnologias estudos sobre arquitetura da informação, modelagens, ontologias e mineração de dados.

Nos estudos sobre bibliotecas tem destaque a biblioteca escolar, inserida em contextos de contradições, pobreza e exclusão e seu papel emancipador e descolonizador. A preocupação com

a formação profissional e a difusão de tecnologias coloca em destaque questões e estratégias para competência informacional e inclusão. Nos estudos de usuários identificou no Uruguai uma linha relacionada ao estudo de pessoas em condições desfavoráveis ou de vulnerabilidade e, na Argentina, a que discute a exclusão causada pela sociedade da informação. Destacam-se também os estudos de critérios, políticas e transparência no âmbito das pesquisas em arquivologia e da identidade, patrimônio e cultura em museologia.

Diante de sua cartografia do campo na Ibero-américa, Ávila coloca o desafio de seu aprofundamento em vista de cotejar os pensares iberoamericanos com mapeamentos e propostas epistemológicas amplas do campo. Só assim podem ficar mais claras estas contribuições para Ciência da Informação.

O contexto histórico de emergência e a especificidade da Ciência da Informação cubana é apresentada por **Radamés Linares Columbié** em *“Reflexiones histórico-epistemológicas de la ciencia de la información y la singularidad de su construcción en Cuba”*. Conforme sua análise, as escolhas de direção e pesquisas em CI cubana não podem ser dissociadas do contexto histórico: um país latinoamericano colonizado; do momento de emergência da Ciência da Informação: guerra fria; de sua opção pelo comunismo: aproximação à União Soviética; e de sua vizinhança: os Estados Unidos.

No âmbito americano Vannevar Bush (assessor de Roosevelt), ao pleitear a informação científica e tecnológica como estratégica para o Estado, tornou-se importante protagonista na mudança de estatuto da “informação” no Ocidente, que até a segunda guerra era apenas um conceito marginal, sem interesse científico (ROSZAK, 1988, p. 17). Conforme Linares Columbié, o confronto da guerra fria entre Estados Unidos e Rússia colocaria condições propícias às demandas de meios ágeis e eficientes de organização e recuperação da informação científica e tecnológica. A informação entendida então como estratégica, mas ampliada pelas transferências de arquivos alemães de pesquisa, daria lugar ao termo “explosão da informação”, colocando na linha de frente a necessidade de desenvolver meios acesso e controle da informação científica e tecnológica, abrindo caminho à emergência da Ciência da Informação americana, que se institucionalizaria em 1962.

No âmbito soviético o trabalho com a informação científica e tecnológica havia se iniciado em 1952, com a criação do VINITI, cujos trabalhos levaram à fundação, em 1967 do campo de pesquisas da Informátika. Destaca Linares Columbié que a definição do campo, muito similar à americana, sublinhava o interesse neste tipo particular de informação e seu exame dentro da atividade científica. O caráter cíclico da informação na ciência e tecnologia para a Informátika, um diferencial da Ciência da Informação americana, de certo modo, em nossa perspectiva,

assemelhava-se ao ciclo documental de Otlet. O lidar com a informação propunha a centralidade do VINITI como centro catalisador e irradiador e, porque não dizer, similar à concepção otletiana. Se o alinhamento cubano à União Soviética teve suas influências nos primórdios das Ciências da Informação no país, destaca Linares Columbié que a reflexão de seus teóricos, a partir da Informátika e das propostas do Instituto Tecnológico da Georgia (EUA), abriria ali caminho a um novo desenho. As hoje denominadas Ciências da Informação em Cuba abrangem os diferenciais de conceitos, suportes e meios de tratamento das informações arquivísticas, biblioteconômicas e museológicas, que se reúnem pelos aspectos em comum.

É interessante pontuar que a bem da singularidade cubana, a implementação da Ciência da Informação na América Latina, a partir de um ponto de vista de países hegemônicos no pós-guerra e de sua problemática de gestão de informação estratégica (científica e tecnológica), demanda hoje uma dobra de reflexão histórica e epistemológica que questione os interesses informacionais latinoamericanos ainda hoje não contemplados pela Ciência da Informação, pela força desta marca inicial. Também demanda, numa conversa com Ávila, se não se adicionariam outros motivos para a pouca visibilidade das pesquisas, especialmente as fundadas em realidades e demandas locais.

Em “*Aproximaciones a una filosofía política de la información*”, **Ariel Morán Reyes** considera a necessidade de informação como necessidade básica legítima para adaptação, transformação e para o sentir-se parte do mundo, gozando de sua autonomia, portanto, um direito. Mas na sociedade em rede, a força simbólica na dinâmica do sistema circulatório de informação tem um caráter estruturante que tende para igualar a cultura e valorizar manifestações em vista da venda produtos culturais.

Morán não deixa de lado os meios digitais, que quase sempre já cooptados pelas lógicas de mercado e interesses políticos alheios aos interesses locais, mas que também possibilitaram a organização de redes sociais alternativas e críticas, aparecendo como um novo espaço na redefinição contemporânea do espaço público. Mais antigo do este novo espaço, no âmbito da cultura está a biblioteca, cujo papel de ressignificação se contrapõe aos interesses da indústria cultural. Agentes de legitimação e circulação de informação, alternativos ao mercado, bibliotecas também interligam o grande público e as esferas de produção intelectual e artística e como instâncias de conservação e instituições de memória, possibilitam leituras de contraposição ao discurso canônico do mercado cultural, já que seus processos de valoração documental são mais autônomos.

Morán indaga a universidade como organismo de empoderamento dos cidadãos. Constata que, em geral, trabalham em vista de seu funcionamento interno, afastadas das demandas e das questões

a sanar no seu entorno, devendo ser instadas a exercer seu papel protagonista nas questões de interesse público e de ressignificação cultural.

Ao utilizar a biblioteca como modelo questionador e ressignificador da informação mercadologicamente interessada e da circulação de informação nas mídias de massa e em grande parte dos meios digitais, o artigo de Morán entra em diálogo com aspectos que saltam aos olhos nos artigos já apresentados, especialmente quando nos voltamos para América Latina. O caráter estruturante da sociedade em rede interliga-se à monocultura e aos entraves ao reconhecimento dos valores intelectuais e culturais discutidos por Pizzi. O olhar para questões das áreas de conhecimento, articuladas com trajetórias de pesquisas e soluções de interesse internacional, não podem sofrer de vista curta. Pesquisas a partir de realidades latinoamericanas podem e devem tomar lugar nas contribuições ao conhecimento acadêmico internacional.

Em “*Algunas consideraciones en torno al método en ciencia de la información*”, **Pablo Melongo e Ignacio Saraiva** tratam da questão da legitimação da Ciência da Informação, donde destacam as demandas por um método unificado em contraposição à pluralidade de abordagens e métodos observados. Esta diversidade, ainda hoje experimentada no campo da Ciência da Informação, trás para muitos a sensação de a área não alcançará um estatuto científico. Sua pergunta é: qual o fundamento filosófico deste apego ao método, já que o campo assume ter abandonado concepções positivistas?

É na debilidade das bases epistemológicas que Melongo e Saraiva vão encontrar esta demanda positivista oculta, que remonta a ciência dos séculos 17 e 18 e a demanda de legitimidade científica que marcou as ciências sociais no final do século 19 e início do 20. Assim, a bem da substituição de concepções positivistas por aportes como a fenomenologia, a hermenêutica ou a etnografia, para os autores isto não fez declinar a ideia da necessária unificação metodológica.

Apesar de uma ideia fundacional do método, as áreas de conhecimento, mesmo as que apresentam um método unificado, só chegaram a tal a partir da prática científica, que sempre precedeu a escolha de um método. Nos seus termos, a escolha de métodos, nas ciências em geral, não parte de argumentações filosóficas, mas da seleção daqueles que se mostram particularmente mais eficazes para solução dos problemas propostos, delimitando a identidade disciplinar.

Melongo e Saraiva convidam os pesquisadores da área a reduzirem seus empenhos de energia nas disputas metodológicas e canalizá-los ao desenvolvimento de conhecimentos da Ciência da Informação para solução dos não poucos problemas informacionais que hoje nos desafiam. E porque não complementar às reflexões de Melongo e Saraiva, especialmente os desafios informacionais no contexto latinoamericano.

Em “*Desempacotando o paradigma físico da Ciência da Informação*”, **Geni Chaves Fernandes**, retoma duas diferentes abordagens que inauguraram o campo da Ciência da Informação, nos Estados Unidos e na União Soviética do pós-guerra, para apontar seus diferenciais e parcerias, que ficam de certo modo ocultados pelo título “paradigma físico”, na organização do campo feita por Rafael Capurro.

Conforme Fernandes, o campo da CI se constitui com dois interesses de pesquisa, tanto nos EUA quanto na URSS. Uma direcionada ao controle para gestão da produção de conhecimentos em ciência e tecnologia, Abordagem Matemática, tinha em vista a construção indicadores por mapeamentos quantitativos da atividade científica, portanto: de informações sobre a ciência. Outra, Abordagem Documentalista, associada à primeira, direcionada a fornecer meios informacionais velozes e automatizados para o desenvolvimento da ciência e tecnologia, portanto: informação para a ciência.

As duas abordagens correspondiam a relações de trabalho com informação para o estado entre atores da ciência, engenharia, biblioteconomia especializada e documentação, fortalecidas durante o período de guerra. E nos pós-guerra respondiam juntas ao atendimento de queixas dos cientistas, que remontavam o pós primeira guerra (Abordagem Documentalista), e às demandas de gestão da ciência e tecnologia pelo Estado, na guerra fria (Abordagem Matemática).

Os mesmos interesses em relação à informação em ciência e tecnologia são observados na emergência da Informátika soviética, apesar de seus diferenciais teóricos e de entendimento que o valor da informação é atribuído e decorrente das práticas de sua produção e usos na ciência e tecnologia.

Juntamente com Linares Columbié, o resgate histórico e estas reflexões epistemológicas abrem espaço a colocarmos a questão sobre os interesses dos Estados Unidos e da União Soviética e os alicerces que inauguraram suas abordagens da informação sobre a América Latina. Retoma-se a pergunta: quais são os interesses informacionais latinoamericanos ainda hoje não contemplados pela Ciência da Informação, pela força desta marca inicial?

Boa Leitura!

Rio de Janeiro, 22 de março de 2018.

**Referências**

GONZÁLEZ DE GÓMES, Maria Nélide. As relações entre ciência, Estado e sociedade: um domínio de visibilidade para as questões da informação. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 1, p. 60-76, jan./abr. 2003.

ROSZAC, Theodore. **O culto da informação**: o folclore dos computadores e a verdadeira arte de pensar. São Paulo: Brasiliense, 1988.